

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**  
**CURSO DE ARTES VISUAIS- BACHARELADO**

**IZALTINA COELHO BARBOSA FERNANDES**

**EM PEDAÇOS: MEMÓRIAS IMPREGNADAS**

**CRICIUMA**

**2014**

**IZALTINA COELHO BARBOSA FERNANDES**

**EM PEDAÇOS: MEMÓRIAS IMPREGNADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel, no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Edina Regina Baumer

**CRICIUMA**

**2014**

**IZALTINA COELHO BARBOSA FERNANDES**

**EM PEDAÇOS: MEMÓRIAS IMPREGNADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 24 de junho de 2014

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Edina Regina Baumer – Mestre em Educação – UNESC – Orientador

Prof.<sup>a</sup> Angélica Neumaier – Especialista – UNESC

Prof.<sup>a</sup> Odete Angelina Calderan – Mestre em Artes Visuais – UFSM

**Agradeço a Deus, aos amigos, parentes e todos os professores.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, pela dádiva da vida; ao meu filho Jeliel Barbosa Fernandes que muitas vezes contribui fotografando os meus trabalhos; ao meu esposo Adiel Siqueira Fernandes que cuidou do nosso filho durante as viagens que fiz em benefício ao curso em todo o período do curso.

Sou grata às professoras Angelica Neumaier, a Odete Angelina Calderan e a Maria Marlene Milanez Just, que com suas generosidades sempre ajudaram os acadêmicos quando eles precisaram, tanto como professoras passando seus conhecimentos, quanto como amigas nos acolhendo em seus braços quando chegávamos dividindo nossos problemas. Agradeço a minha orientadora, professora Edina Regina Baumer que juntas dividimos preocupações, mas também muita emoção de cada etapa conquistada.

Também a todos os professores do curso que são importantes e passaram conhecimentos, sempre nos acolhendo. E a minha amiga Dani que juntas dividimos tristezas e muitas gargalhadas, a Kelly, Simone, Claudenise e toda a turma.

Agradeço a todos meus amigos e parentes que direta ou indiretamente me ajudaram durante todo o curso e à Universidade Extremo Sul Catarinense que me acolheu e deu todo o suporte necessário para a conclusão do curso.

**A memória é um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevoca coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas.**

**(LE GOFF, 2003, p. 447).**

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso teve o objetivo de compreender a relação dos brinquedos com a produção de arte e desenvolver uma produção artística a partir dos brinquedos da minha infância. Para isso, percorri um referencial teórico que pudesse dar sustentação aos meus pensamentos. Os autores Benjamin (2002), Brougère (2006) e Cunha (2006) contribuíram para ampliar meus conhecimentos sobre a criança, a imaginação e a criação enquanto que Bosi (2001), Lamas (2012), Montenegro (1994), Bachelard (1988), Le Goff (2003) e Canton (2009), fizeram perceber o passado como uma fonte importante para vivermos o presente e o futuro. No entanto, para responder ao problema da pesquisa – é possível estabelecer relações entre os brinquedos da minha infância com a produção de arte? – aprofundei os conhecimentos acerca da arte contemporânea trazendo alguns conceitos de autores como Coli (2006), Bosi (2000), Azevedo Junior (2007), Cocchiarale (2006), Canton (2009), Huchet (2006) e Archer (2001). Especialmente sobre a monotipia como uma linguagem artística estudei os autores como Weiss (2003) e Resende (2000), além de envolver o artista Carlos Vergara. Na metodologia desta pesquisa, parto da história de vida que narra minha vivência com aqueles brinquedos, investigando ao mesmo tempo, por meio da pesquisa bibliográfica, a relação da arte com a brincadeira na vida da criança. O resultado do processo criativo foi uma produção artística realizada por meio de monotipias que deixaram impregnados os elementos das memórias de infância em três telas – cada uma com 1,30 X 90 cm – apresentadas por meio de uma instalação. Antes disso porém, pude rememorar e (re) experimentar a criação dos brinquedos produzidos na minha infância, na atualidade, embaixo de uma árvore no quintal da casa onde moro. Dessa forma, conclui-se que a leitura e a escrita são de muita importância para o fazer artístico; foi possível estabelecer relações entre os brinquedos da minha infância com a produção de arte já que a instalação – composta pelas três telas produzidas na linguagem da monotipia – traz para o presente os momentos passados de brincadeiras com os elementos da natureza, meus irmãos e a nossa imaginação. Tudo isso no chão e no acolhimento de uma árvore.

**Palavras-chave:** Brinquedo. Monotipia. Memória. Imaginação. Criação.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura1 .....	20
Figura 2.....	20
Figura 3.....	21
Figura 4.....	25
Figura 5.....	25
Figura 6.....	26
Figura 7 .....	27
Figura 8.....	29
Figura 9.....	29
Figura 10.....	31
Figura 11.....	31
Figura12 .....	32
Figura 13.....	33
Figura 14.....	34
Figura 15.....	34
Figura 16.....	35
Figura 17.....	36
Figura 18.....	37
Figura 19.....	39
Figura 20.....	39
Figura 21.....	40
Figura 22.....	41
Figura 23.....	42
Figura 24.....	43
Figura 25.....	44
Figura 26.....	45
Figura 27.....	46



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFSM- Universidade Federal de Santa Maria

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 INFÂNCIA– BRINQUEDOS .....</b>	<b>15</b>
<b>3 MEMÓRIA .....</b>	<b>18</b>
<b>4 ARTE CONTEMPORÂNEA .....</b>	<b>22</b>
4.1 MONOTIPIA .....	24
<b>5 PROCESSO CRIATIVO: LEMBRANDO E RESSIGNIFICANDO AS LEMBRANÇAS .....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Como acadêmica de Artes Visuais – Bacharelado – Universidade do Extremo Sul Catarinense – faço opção por desenvolver uma pesquisa sobre brinquedos e por meio do estudo da arte, pude pensar e representar alguns momentos da minha infância como uma possível relação poética e estética. Minha infância foi marcada por brinquedos feitos de folhas, de legumes, cascas de fruta e bonecas de espigas de milho: eram brinquedos que no final do dia já se haviam desfigurados pela fragilidade dos materiais com que eram construídos. Para Brougere (2006). "O brinquedo é um objeto distinto e específico de cada lugar e época. É o brinquedo que caracteriza a brincadeira".

Quando criança eu e meus irmãos transformávamos legumes, verduras, espigas de milho em brinquedos devido a nossa condição social da época. Hoje após alguns anos entendo que nessa brincadeira usávamos nossa imaginação e criatividade.

Nasci de uma família pobre onde não tínhamos lugar fixo para morar, em todos os anos tínhamos que mudar porque éramos arrendatários e depois de algum tempo o dono da terra pedia para a nossa família sair. Sempre morávamos em lugares no meio dos matos e com muitos bichos, e não tínhamos brinquedos industrializados. Fazíamos os nossos com os materiais da natureza. Naquela época meus pais não deixavam estudar, eles tinham o pensamento de que as meninas não precisavam de estudo porque elas casavam e tinha ao marido para sustenta-la. E foi aí que acabei não gostando da vida que vivia, porque eu sonhava em estudar e ter uma vida melhor.

Aos quinze anos tive que deixar a casa dos meus pais ir morar em outra cidade, longe deles, para trabalhar e foi a partir daí que comecei a estudar. Aos vinte anos tive a perda do meu irmão com dezessete anos em um acidente de carro. Esse acontecimento e o fato de morar muito longe dos meus pais depois de casada, de certa forma, tornaram a vida difícil em alguns momentos. Houve uma vez que fiquei seis anos sem ver meus pais porque estava juntando dinheiro para comprar um lote para construir minha casa, pois eu pagava aluguel.

Quando meu filho nasceu foi um dos momentos mais felizes da minha vida mas ele tinha vários tipos de alergias e asma, assim sofri muito com o estado de saúde dele; acabei superando as dificuldades e hoje ele se encontra bem. Por

passar por tantas dificuldades e decepções e não saber cuidar da minha parte emocional acabei tendo uma depressão, que também foi um dos momentos muito difíceis da minha vida, mas tratei dela e hoje estou bem.

Quando tive a oportunidade de vir para a universidade resolvi que ia fazer o curso de arte porque eu não tinha nenhum conhecimento sobre ela e queria fazer um desafio a mim mesma. No começo foi difícil, pois era um mundo desconhecido pra mim, mas eu gostava do que estava aprendendo sobre a arte.

Embora nos dias de hoje eu tenha uma visão modificada para a situação que vivíamos naquela época, muitas vezes senti *raiva* por não ganhar brinquedos industrializados. Aos poucos comecei a observar ao nosso redor que havia crianças que dispunham de brinquedos sofisticados (bonecas e carinhos) e nós – tão pobre que éramos – dispúnhamos apenas daqueles materiais que naquele tempo não sabíamos que eram importante.

Trazendo a vivência do passado para os dias atuais, através do estudo de arte, libertei-me daquele sentimento. Então procuro transformar meu olhar para aqueles brinquedos, fabricado por nós (eu e meus irmãos), efêmeros – que só tinha valor para aquele tempo da brincadeira – mas que desenvolveu muito o nosso desempenho criativo, despertando em mim o gosto por transformar e criar.

Na metodologia desta pesquisa, parto da história de vida que narra minha vivência com aqueles brinquedos, investigando, ao mesmo tempo, por meio da pesquisa bibliográfica, a relação da arte com a brincadeira na vida da criança porque desperta o seu desenvolvimento criativo. O método da história de vida faz parte das pesquisas qualitativas e se caracteriza “por um compromisso com a história como processo de rememorar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito” (SILVA et al, 2007, p. 27). Para reviver aqueles momentos de brincadeiras da infância, minha produção artística foi realizada por meio de monotipias que deixaram impregnados os elementos das memórias de infância em três telas apresentadas em uma instalação no espaço da galeria de arte Octavia Gaidzinski – Criciúma - SC. No entanto, é importante pensar que “o conhecimento de determinada ação só vai, então, fazer sentido se entendido dentro de seu contexto, na realidade em que é experimentada (SILVA et al, 2007, p. 30). Por isso, buscando em minhas memórias as lembranças daqueles momentos de brincadeiras e com um novo olhar para os brinquedos da minha infância, desenvolvi este estudo apontando como problema de

pesquisa: é possível estabelecer relações entre os brinquedos da minha infância com a produção de arte?

O problema traz como questões norteadoras: quais as possíveis relações dos brinquedos com a arte? Como recriar os brinquedos envolvendo-os em uma produção artística? O objetivo geral da pesquisa foi compreender a relação dos brinquedos com a produção de arte e desenvolver uma produção artística a partir dos brinquedos da minha infância. E os objetivos específicos foram rememorar e (re) experimentar a criação dos brinquedos produzidos na minha infância; investigar a relação entre as brincadeiras de crianças e a produção de arte; elaborar uma produção artística a partir de toda essa reflexão.

Ao atingir os objetivos ao longo do estudo, foi possível confirmar a ideia de que “a experiência de relatar sua história de vida, oferece àquele que a conta uma oportunidade de (re) experimentá-la, ressignificando sua vida” (SILVA et al, 2007, p. 30). Foi o que aconteceu quando a produção artística tomou corpo e se fez presente, marcando assim este trabalho de conclusão de curso.

Esta pesquisa se insere na linha de Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais – Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense e no capítulo dois, intitulado *‘Infância – brinquedos’* apresenta questões sobre a imaginação da criança e a importância das brincadeiras em suas vidas por meio das idéias de autores como Benjamin (2002), Brougère (2006) e Cunha (2006).

No capítulo seguinte, *‘Memória’*, trago os autores Bosi (2001), Lamas (2012), Montenegro (1994), Bachelard (1988), Le Goff (2003) e Canton (2009), que falam do passado como uma fonte importante para vivermos o presente e o futuro. Em outro capítulo, intitulado *‘Arte contemporânea’*, trago alguns conceitos de autores como Coli (2006), Bosi (2000), Azevedo Júnior (2007), Cocchiarale (2006), Canton (2009) e Archer (2001). No mesmo capítulo falo da monotipia como uma linguagem artística, com os autores Weiss (2003), Resende (2000) e Duarte (2003) citando o artista contemporâneo Carlos Vergara.

Para fundamentar todo o processo criativo que resultou na produção artística, trago autores como Bosi (2001), Salles (2009), Vigotski (2010), Cauquelin (2005), Ostrower (1978), Benjamin (2002), Weiss (2003) e especialmente Duarte (2003) para falar de Carlos Vergara. Intitulei o capítulo como *‘Lembrando e Ressignificando as Lembranças’* devido à forte presença do exercício de memória neste trabalho de conclusão de curso. Ao final, escrevi a conclusão reconhecendo a

importância da leitura e da escrita – a partir dos autores – como fundamentais para o *fazer artístico*. Reconheci também que é possível estabelecer relações entre os brinquedos da minha infância com a produção de arte já que a instalação – composta pelas três telas produzidas na linguagem da monotipia – traz para o presente os momentos passados de brincadeiras com os elementos da natureza, meus irmãos e a nossa imaginação.

## 2 INFÂNCIA– BRINQUEDOS

Quando criança, eu e meus irmãos sentávamos embaixo de uma árvore e brincávamos; como não tínhamos brinquedos industrializados, criávamos os nossos próprios brinquedos. Então colocávamos nossa imaginação para funcionar e pegávamos todos os materiais que íamos usar da própria natureza, como legumes, cascas de frutas, folhas de mamona, capins e gravetos de árvores.

Certo dia, limpamos o lugar embaixo da árvore e começamos a brincar: pegamos chuchus, abobrinhas e pepinos grandes e pequenos e fizemos a vaca e os bezerros. Nas brincadeiras fazíamos o que observávamos ao nosso redor, nos expressávamos nas nossas brincadeiras, como fala Benjamin (2002, p. 92):

Nada é mais adequado à criança do que imitarem suas construções os materiais mais heterogêneos –pedras, plastilina, madeira, papel. Por outro lado, ninguém é mais casto em relação aos materiais do que a criança: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras.

Quando brincávamos tudo era transformado em nossas mãos e conseguíamos imaginar aqueles materiais naturais em bonecas, cavalos, porquinhos, vacas e carruagens. “A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito”. (BENJAMIN, 2002, p.102).

Criávamos um novo cenário com novos brinquedos, era incrível a nossa capacidade de imaginar, cada um fazia seu próprio brinquedo, então os brinquedos saíam diferentes, porque estávamos com uma nova imaginação. Talvez porque “o brinquedo, [...] não parece definido por uma função precisa: trata-se antes de tudo, de um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado às regras ou a princípios de utilização de outra natureza”. (BROUGÈRE, 2006, p. 13).

Nas brincadeiras costumávamos representar mais figuras de bonecas ou pessoas e os animais, porque representávamos a nossa realidade daquele momento. “O brinquedo pode ser uma reprodução da realidade, mas trata-se de uma realidade selecionada, isolada e, na maior parte das vezes, adaptada e modificada nem que seja pelo seu tamanho” (BROUGÈRE, 2006, p. 42).

Cunha (2006) diz que a criança tem a capacidade de criar e dar

significado a objetos; era o que acontecia conosco, pois ao pegar um chuchu e imaginar que ele era um bezerro estávamos dando um novo significado ao legume. Isso acontecia porque imaginávamos que era um animal e assim novos significados eram atribuídos a os outros brinquedos que criávamos. "A imaginação é a poderosa ferramenta que, ao sustentar o sentir, sustenta o raciocínio e, por ambos, cria o sonho. Além de permitir a construção de um imaginário social, constituído em sua cultura e tempo histórico". (CUNHA, 2006, p. 40).

Nesses momentos de brincadeiras, um aprendia com o outro, pois no grupo tinha crianças de várias idades e a menor também queria participar daqueles momentos criativos. Por mais simples que era colocar as patinhas dos animais ou fazer uma boneca de casca de melancia os maiores ensinavam os menores e cada um dava o significado que queria para o seu brinquedo.

A criança passa a brincar e, jogando com a sua imaginação, aprende a falar, a desenhar, pular, cantar, modelar, dançar e pintar, criando poeticamente as estruturas cognitivas e emocionais que lhe permitem, simultaneamente, no ato de organizar a sua subjetividade, a organização objetiva do mundo a sua volta. (CUNHA, 2006, p. 40).

As crianças, muitas vezes expressam com certa facilidade, nas brincadeiras, o lugar onde convivem. Segundo Cunha "[...] a criança descobre o mundo exterior e nele exerce uma ação, sua imaginação se desenvolve. Pelo imaginário, encontra possibilidades de vinculações e conexões com o mundo [...]" (2006, p. 41).

As crianças representam nas suas brincadeiras o que elas vêm e conhecem e usando da sua imaginação elas representam aquilo com que elas convivem, no seu dia a dia. "A imaginação deslumbrada, diante do percebido, invade a criança com imagens e ideias impulsionando-a a buscar respostas para o que vê no mundo" (CUNHA, 2006, p. 49). As crianças exploram o mundo e (re) criam o seu mundo confirmando que "[...] o ver pode estimular o fazer e o fazer pode enriquecer o ver" (CUNHA, 2006, p. 51). Quando nós íamos brincar sempre criávamos animais, bonecas ou pessoas, essas ideias nasciam a partir do nosso convívio com aquela situação, era o nosso mundo de convivência naquele momento. "É a criança que a penetrando pelo gesto que deixa marcas, a cria e a transforma. É preciso vencer a matéria, fazer sair à forma a partir do amorfo, é preciso extrair um sentido daquilo que não tem nenhum" (CUNHA, 2006, p. 51).



As crianças, algumas vezes, podem ser consideradas artistas, pois tem a capacidade de livremente transformar qualquer objeto em outro e ressignificá-lo usando de vários materiais.

A criança utiliza os recursos simbólicos dos meios artísticos para construir representações significativas específicas que só a arte permite nos seus limites e nas suas possibilidades de objetivar o subjetivo, através da ação gestual e simbólica sobre a matéria. (CUNHA, 2006, p. 52).

Nós montávamos embaixo da árvore um cenário, fazíamos de conta que era uma fazenda, então fazíamos os bichos, as pessoas, casinhas, enfim tentávamos – e conseguíamos – passar o tempo imaginando e brincando. Como diz Cunha (2006, p. 97), “a brincadeira de faz-de-conta ocupa um lugar de destaque no cotidiano das crianças”. Esses materiais da natureza era o que tínhamos como objetos naquele momento então utilizavam para fazer as nossas brincadeiras.

A ação humana é um contínuo movimento de equilibração que se faz necessário de acordo com os interesses do sujeito, que tende a incorporar os objetos aos seus esquemas de ação, assimilando o meio externo às suas estruturas, ao mesmo tempo em que as reorganiza, acomodando-as aos novos objetos (CUNHA, 2006, p. 99).

As crianças imitam nas suas brincadeiras o seu mundo real, era o que eu e meus irmãos fazíamos quando estávamos brincando, como não tínhamos contatos com outros ambientes então o que sabíamos representávamos em nossas brincadeiras: animais, família e elementos da natureza era o que compunha o nosso cotidiano. “A imitação é uma das fontes da representação. É a partir dela que a criança, desde os primeiros dias de vida, estabelece contato com o ambiente, com os seres vivos e com objetos do mundo real” (CUNHA, 2006, p. 100).

Assim, cheia de lembranças da minha infância, no próximo capítulo falo da memória e da importância dessas lembranças do passado para viver o presente e o futuro.

### 3 MEMÓRIA

As recordações estão vivas na minha memória. Lembro-me quando eu e meus irmãos limpávamos o terreno embaixo de uma árvore e organizávamos o lugar para começar a brincar. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 2001, p. 55). Voltar a lembrar da minha infância é maravilhoso, porque tive bons momentos de brincadeira com meus irmãos; as imagens dos momentos em que nós procurávamos os materiais, para arrumar o local para brincarmos, está presente na minha memória e sobre isso Bosi diz que:

A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (2001, p. 55).

Mesmo ao (re) criar esses brinquedos embaixo de uma árvore, tentando me aproximar mais do tempo da infância, não me lembro de tudo já que a “memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 2001, p. 39).

Meu objeto de memória são os brinquedos da minha infância que fizeram parte da minha vida. Lamas traz a importância de trazer os objetos para “[...] narrar lembranças dos passados, informar fatos do presente, para projetar esperanças futuras, ilustrar imagens retidas na memória” (2012, p.47). Trazer para o meu trabalho de pesquisa de curso, os meus tempos vividos e ainda poder usar da minha imaginação é gratificante, pois:

O processo de construção ou de produção opera em uma dimensão em que, partindo do real, do acontecido, a memória – como um elemento permanente do vivido -, atende a um processo de mudança ou de conservação. [...] a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. (MONTENEGRO, 1994, p.19).

Ao sentar embaixo dessa árvore e (re) fazendo esses brinquedos percebo que trago muitas lembranças da minha infância e as imagens deles estão presente em minha memória que é “um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de

recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada” (BACHELARD, 1988, p. 94).

O que vivi com os meus irmãos na infância são momentos que não voltam mais na minha vida, mas estar recordando-os é um privilégio. Afinal “esse encontro foi vivido, vivido na distancia da vida que pertence a um outro tempo. Não se trata de experimentá-lo hoje”. (BACHELARD, 1988, p. 134).

A infância é uma fase que marca muito a vida das pessoas, um dos períodos em que guardamos emoções e sentimentos que podem refletir de uma maneira positiva ou negativa na vida quando adulta.

A infância não é uma coisa que morre em nós e seca uma vez cumprindo o seu ciclo. Não é uma lembrança. É o mais vivo dos tesouros, e continua a nos enriquecer sem que o saibamos... Ai se quem não pode se lembrar de sua infância, reabsorve-la em si mesmo. Como um corpo no seu próprio corpo, um sangue novo no sangue velho: esta morto desde que ela o deixou. (BACHELARD, 1988, p. 130).

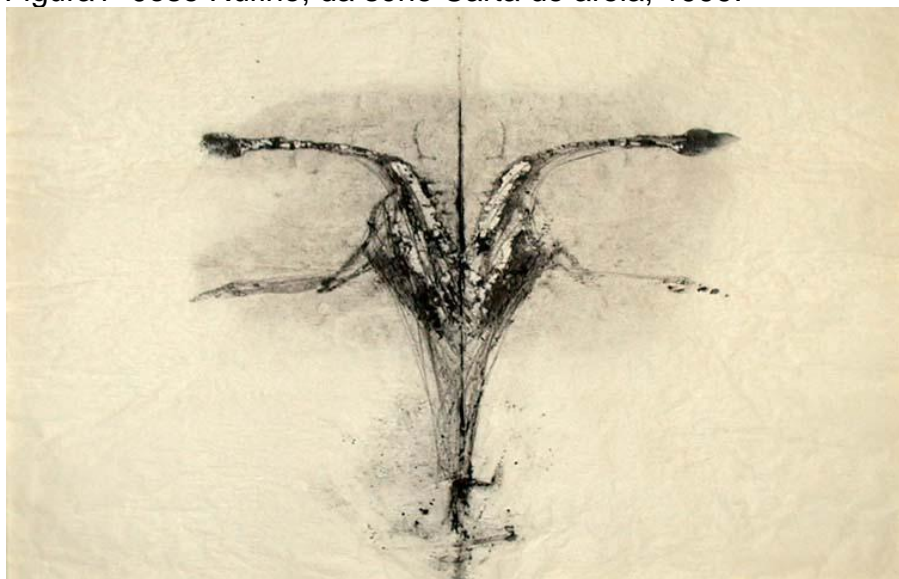
É na memória emotiva que guardamos certas informações e quando queremos temos essa capacidade de fazer buscas às coisas passadas para o presente. Le Goff (2003, p. 419) nos diz que: “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada”.

A memória pode ser individual onde uma pessoa traz suas próprias lembranças, mas também existe a memória coletiva que pode ser de uma sociedade ou de um grupo de pessoas que lembram coisas que viveram juntas ou na mesma época e nesse sentido vemos que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angustia” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Alguns artistas contemporâneos trabalham com a questão da memória produções artísticas, como é o caso de Jose Rufino, Albano Afonso e Sandra Cinto; eles acham que é importante reviver o passado, pois este reflete o futuro (CANTON, 2009). Numa das entrevistas que Canton (2009) realizou, Sandra Cinto diz: “a memória é uma questão que me interessa muito, porque acho que, para pensarmos o futuro, temos que fazer uma reflexão do passado. O passado e o futuro estão

ligados. É muito importante preservar a memória” (CANTON, 2009, p. 50). Dessa forma, depois de percorrer alguns estudos sobre a memória, trago, no próximo capítulo, alguns conceitos de arte para fundamentar as ideias relacionadas à produção artística deste trabalho e imagens dos artistas que trabalham com a questão da memória em suas produções artísticas.

Figura1- Jose Rufino, da série Carta de areia, 1999.



Fonte: <<https://www.google.com.br>>.

Figura 2- Albano Afonso, Autorretrato com Goya, 2001.



Fonte: <<https://www.google.com.br>>.

Figura 3 - Sandra Cinto, desenho sobre madeira e MDF pintado Sem Título, (Portal), 2001.



Fonte: <<http://inhotim.org.br>>.

#### 4 ARTE CONTEMPORÂNEA

Definir a arte é difícil. Vários são os estudos teóricos que se dedicam sobre o problema, procurando definir conceitos que muitas vezes são divergentes e contraditórios, pois são muitas e diferentes as concepções da arte. No entanto, mesmo sem uma definição lógica e definitiva, somos capazes de identificar algumas produções artísticas, pois há um conjunto de padrões e comportamentos de uma sociedade que ajudam a transmitir essa ideia da arte, que são as crenças e costumes coletivos difundidos entre as pessoas. (COLI, 2006). O mesmo autor diz que: “É possível dizer, então, que arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia”. (COLI, 2006, p. 8).

Mas como vamos classificar o que é arte se o ‘Davi’ de Michelangelo é arte mas também o aparelho sanitário de louça o mictório de Marcel Duchamp é considerado arte; como vamos compreender “[...] se a arte é noção sólida e privilegiada” (COLI, 2006, p. 10) mas possui também limites imprecisos?

Para decidir o que é ou não é arte, nossa cultura possui instrumentos específicos. Um deles, essencial, é o discurso sobre o objeto artístico, ao qual reconhecemos competência e autoridade. Esse discurso é o que proferem o crítico, o historiador da arte, o perito, o conservador de museu. São eles que conferem o estatuto de arte a um objeto. (COLI, 2006, p.10).

Segundo Bosi (2000) a arte pode ser qualquer atividade humana e tem varias linguagens, que pode ser a música, a arte plástica, poesias ou outras, desde que expresse uma ideia. Para o autor “a arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística” (BOSI, 2000, p. 13).

Trago essa questão neste estudo porque durante muito tempo me senti incomodada por ter tido somente aqueles materiais da natureza para brincar até que, cursando o bacharelado em Artes Visuais, pude perceber que muitas das produções de arte, na atualidade, ocupam-se de diversos materiais, os mais

inusitados possíveis. Entre eles, elementos da natureza, como eram minhas ressignificações na infância.

A arte foi uma das primeiras manifestações do ser humano, começando nas cavernas; com a necessidade de se expressar o homem começa a criar objetos e formas marcando a sua vivência no mundo e assim expressando suas ideias, sentimentos e sensações para os outros.

Quando o ser humano cria um objeto artístico, não precisa ser idêntico ao da realidade, mas sim constituir-se na representação simbólica do mundo (AZEVEDO JUNIOR, 2007). O mesmo autor diz que para existir a arte são precisos de três elementos: o artista, o observador e a obra de arte.

O primeiro é o artista que é aquele que cria a obra, através dos seus conhecimentos ele expressa as suas ideias, os seus sentimentos e emoções em um objeto artístico que pode ser (pintura, escultura, desenho entre outras linguagens). O outro é o observador que faz parte do público e que tem contato com a obra mas é preciso ter sensibilidade e disponibilidade para entendê-la além de alguns conhecimentos na história da arte, para poder entender o contexto da obra e fazer relação com seu próprio contexto, explica Azevedo Junior (2007).

Por fim a obra de arte ou objeto artístico, que é o resultado do processo criativo e guarda um fim em si mesmo, não precisando de tradução ou explicações, desde que seja a proposta do artista. (AZEVEDO JUNIOR, 2007).

A arte contemporânea é difícil de entendê-la e as pessoas a consideram estranhas, e buscam uma explicação para a fruição estética. Esse medo é porque ela tem envolvimento com as coisas da vida: a arte contemporânea “[...] esparramou-se para além do campo especializado construído pelo modernismo e passou a buscar uma interface com quase todas as outras artes e, mais, com a própria vida, tornando-se uma coisa espalhada e contaminada por temas que não são da própria arte” (COCCHIARALE, 2006, p. 16).

Outra possibilidade que tem na arte contemporânea é que o artista não precisa fazer sua própria obra, o que é necessário que se tenha é a ideia de como o projeto da obra pode se concretizar: “se é a invenção ou a ideia que qualifica a autoria (coisa mental) o artista não mais precisa, necessariamente, fazer sua obra com as mãos. Essa é uma possibilidade conquistada desde a apropriação duchampiana e do objet trouvé surrealista” (COCCHIARALE, 2006, p. 33).

A arte contemporânea instiga, é provocadora, requer verdade e causa estranhamento; pede um olhar curioso sem preconceitos, mas com atenção e sentimento das pessoas para reconhecer o fato de ela estar ligada a vida; o público tem dificuldade de entendê-la e apreciá-la, "[...] ela provoca, instiga e estimula nossos sentidos, descondicinando-os, isto é retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e de se organizar no mundo" (CANTON, 2009, p.12).

Antes a arte incluía-se em categorias de acordo com seus meios expressivos e técnicas, mas a arte contemporânea é livre e tem varias linguagens no entanto, "no início dos 60 ainda era possível pensar nas obras de arte como pertencentes a uma das duas amplas categorias: a pintura e a escultura" (ARCHER, 2001, p. 1).

Na criação de uma obra na arte contemporânea pode-se apropriar de qualquer objeto do mundo comum, do cotidiano, não existem materiais específicos e formas para a elaboração da obra de arte. Por exemplo, "Duchamp inventara o termo '*readymade*' para descrever os objetos fabricados em série que ele escolhia, comprava e, a seguir, designava como obra de arte". (ARCHER, 2001, p. 3). Assim, no mundo contemporâneo pode-se utilizar de varias linguagens e técnicas para fazer uma produção artística e uma delas é a monotipia.

#### 4.1 MONOTIPIA

Segundo Weiss (2003), a monotipia<sup>1</sup> surgiu no século XVII com o artista Giovanni Benedette Castiglione que viveu entre os anos de 1616 e 1670. "Denomina-se monotipia uma placa sobre a qual uma imagem é executada com a tinta adequada. Esta imagem é impressa, tornando-se a cópia única, sendo impossível ser obtido novamente um exemplar igual". (WEISS, 2003, p. 19).

Resende (2000) fala que outros artistas utilizaram da monotipia em seus trabalhos, como foi o caso de Edgard Degas, Edvard Munch, Paul Gauguin, e outros. É um processo espontâneo e de uma forma rápida e criativa: como não é possível controlar ou prever com precisão a ação, muitas vezes tem-se um resultado inesperado.

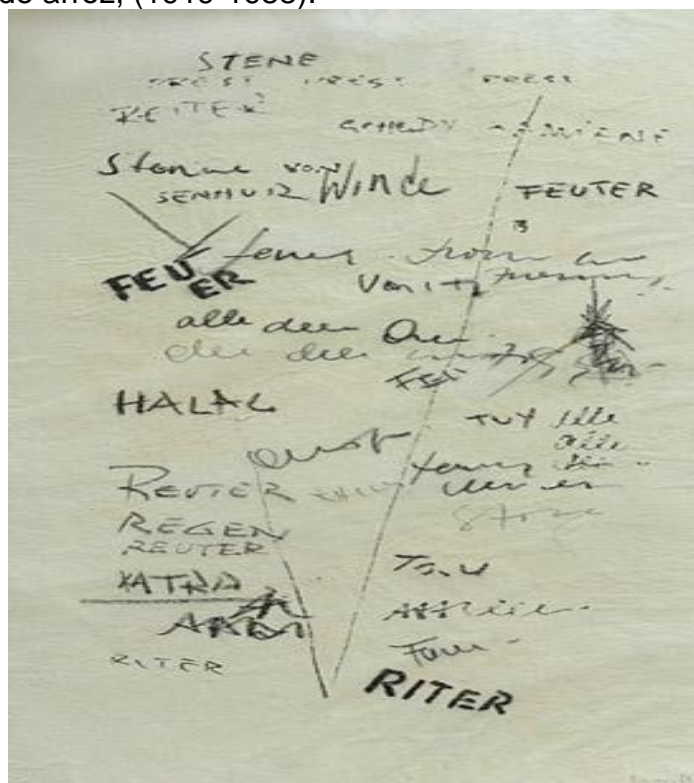
---

<sup>1</sup> Monotipia: é uma placa sobre a qual uma imagem é executada e impressa em uma única cópia.



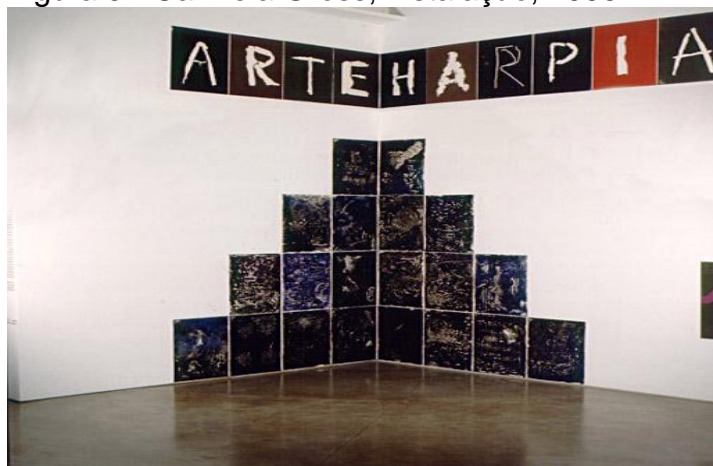
Na contemporaneidade alguns artistas também trazem a monotipia em suas produções, como Mira Schendel e Carmela Gross e Resende (2000) diz que: essa é uma linguagem que rejeita a concentração visual em um único objeto e faz interrelação entre vários elementos; a monotipia “[...] além de tratar das questões da técnica no limite com a pintura, traz outra questão que vai esbarrar na instalação” (RESENDE, 2000, p. 246).

Figura 4 - Mira Schendel, Sem Título, carvão e monotipia s/papel de arroz, (1919-1988).



Fonte: <<http://www.tntarte.com.br>>.

Figura 5 - Carmela Gross, instalação, 1995.



Fonte: <https://www.google.com.br>.

Figura 6 - José Resende, Sem Título, monotipia, 1999.



Fonte: <<http://mam.org.br>>.

Já o autor Duarte (2003), traz outro artista contemporâneo: Carlos Vergara que utiliza do procedimento da monotipia nas suas pinturas desde o final dos anos 1980: “Vergara viaja, imprime e pinta sua telas em diferentes paisagens, extrações de minério de ferro, cidades históricas de Minas Gerais ou no Pantanal Mato-Grossense” (DUARTE, 2003, p. 34). Segundo esse autor, Carlos Vergara em suas experiências usa os rastros, marcas dos telhados e os calçamentos coloniais, tudo pode ser vestígio e pretexto, não é nada óbvio em seus trabalhos plásticos. Atualmente o artista continua trabalhando com a monotipia, mas de uma maneira diferente: ele desenha, recorta a forma e coloca como máscaras e recoloca-as na superfície, depois espalha os pigmentos sobre os moldes. “essas formas que são fôrmas dos pigmentos, desenham e são, também, depósitos poderosos de cores” (DUARTE, 2003, p. 36). [Neste estudo destaco a presença de elementos da natureza em seus trabalhos: “Vergara pesquisa os pigmentos terra que recolhe em minas gerais e em outras viagens” (DUARTE, 2003, p. 29). Com esses pigmentos ele captura os vestígios dos animais e dos elementos da própria natureza. Na placa onde ficam gravadas essas imagens, só ficam as manchas fragmentadas para “gravar, “congelar” um gesto, uma ideia, uma emoção. De maneira rápida, fugaz, o “congelamento” de um momento, um instante transformado em mancha, linha, matéria” (WEISS, 2003, p. 19-20).]

Figura 7- Carlos Vergara, OURO PRETO II, 1995. Monotípia S/ Lona Crua, 146 X 221 cm. Col. Mara e Mário Fonseca.



Fonte: <<http://paisagensnaartebrasileira.pbworks.com>>.

Podemos encontrar diversos materiais para suas produções como o linho, lona crua, carvão, pigmentos naturais e outros materiais e “sobre os moldes no chão se espalham os pigmentos quase disciplinados: amontoados de cor, como se ali já estivesse a verdadeira pintura” (DUARTE, 2003, p. 36). Nas pinturas contemporâneas do artista os acasos fazem parte, diferente do movimento moderno. “Nesta que agora se ergue impressa, resultado quase final, o acaso deixa, também, seus rastros. Acontecimentos inesperados – que sempre estiveram presentes” (DUARTE, 2003, p. 37). Como admiradora dessa técnica, optei em fazer minha produção artística com ela e estarei falando do processo criativo no próximo capítulo.

## **5 PROCESSO CRIATIVO: LEMBRANDO E RESSIGNIFICANDO AS LEMBRANÇAS**

Fui ao mercado comprar os legumes e as frutas para fazer (novamente) uns dos brinquedos da minha infância. Claro que não foi como na infância; naquela época não íamos ao mercado compra-los, já tínhamos todos os legumes e as frutas plantados na roça.

No mercado foi diferente, porque eu pegava os alimentos pensando o que eu ia fazer com eles e não no sentido de fazer comida. Peguei vários tipos e comprei um pedaço de melancia para fazer bonecos com a casca.

Chegando em casa coloquei as frutas e os legumes em cima da mesa e fui até o fundo do quintal onde moro atualmente, Criciúma me sentei de baixo de uma árvore e comecei a escrever sobre o que tinha ocorrido até aquele momento, com o objetivo de registrar o processo criativo pelo qual estava passando. De repente percebi que meu marido estava comendo a melancia e jogando as cascas fora, eu não tinha avisado a ele que ia fazer um trabalho com as cascas. Então ele recolheu as cascas e colocou em cima da pia, lavei-as e consegui aproveitar todas elas. Foi um fato importante que marcou o quanto significativo seria, para mim, realizar esta pesquisa.

Eu escolhi sentar embaixo da árvore para fazer a produção porque eu e meus irmãos brincávamos sempre juntos e na sombra de uma árvore. Achei que se eu fizesse isso, ia lembrar melhor os momentos das brincadeiras e como fazíamos os brinquedos já que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSI, 2001, p. 53).

Com a casca da melancia resolvi fazer dois bonecos e fica evidente que hoje o que estou sentindo não é o mesmo conjunto de sentimentos de criança. Naquela época éramos várias crianças com os mesmos objetivos: criar os próprios brinquedos para brincar.

Comecei fazendo a cabeça do boneco, depois as pernas e quando fui fazer os braços aconteceu um acidente – como acontecia na infância – simplesmente cortei um braço do boneco sem querer. Tentei fazer outro e não deu certo de novo.



Figura 8 - forma c/ legume, 2014.



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Figura 9 - Forma c/ legume, 2014.



Fonte: arquivo da pesquisadora.

Pensei que não ia conseguir e fiquei preocupada; lembrei que na infância quando brincava, eu não ficava preocupada com o resultado, em como iam ficar os brinquedos, apenas usava a imaginação. Para Salles (2009, p.30):

Ao emoldurar o transitório, o olhar tem de se adaptar às formas provisórias, aos enfrentamentos de erros, as correções e aos ajustes. De uma maneira bem geral, poder-se-ia dizer que o movimento criativo é a convivência de mundos possíveis. O artista vai levantando hipóteses e testando-as permanentemente

Enfim, superando os acasos, fiquei satisfeita com a produção e depois da boneca, fiz um boneco com a mesma casca. Foi maravilhoso voltar a imaginar aqueles agrupamentos de crianças fazendo os seus próprios brinquedos para brincar e hoje, com o conhecimento adquirido, foi possível refletir sobre a criação: “Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras”. (VIGOTSKI, 2010, p. 16). É interessante como a criança tem essa capacidade de criar quando está brincando, no seu mundo imaginário tudo é possível.

A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde as aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade. (VIGOTSKI, 2010, p. 17).

Assim, relembrando algumas brincadeiras (re) criei os bonecos de cascas de melancia.

Figura 10 - Boneca, forma c/ casca de melancia, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura11 - Boneco, forma c/ casca de melancia, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Enquanto eu produzia a boneca e o boneco, pensava como a arte nos dá a possibilidade de reviver o passado e podemos ter o privilégio de recordar as brincadeiras.

Ao encetar a releitura, esperamos que voltem com toda a sua força e cor aqueles pormenores esquecidos, de tal maneira que possamos sentir as mesmas emoções que acompanharam o nosso primeiro contato com a obra. Esperamos, em suma, que a memória nos faça reviver aquela bela experiência juvenil. (BOSI, 2001, p. 57).

Quando finalizei percebi que tinha ficado uma hora e meia nesse processo e parecia que tinha passado só uns quinze minutos. E continuei fazendo os brinquedos embaixo da árvore, pois eles fazem lembrar melhor das questões da infância.



Figura 12 – Porquinho, fruta, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

O porquinho fiz de abacate e limão figura 12 e novamente fui ao mercado especialmente para comprá-los e continuar meu processo criativo. Como se vê a superfície do objeto não apresenta detalhes. Isso se justifica porque quando criança nós fazíamos os bichinhos sem detalhes: apenas imaginávamos que era um porquinho e representávamos com os legumes e frutas que tínhamos naquele momento. Essa ação remete à ideia de Duchamp que:

[...] expondo objetos 'prontos', já existentes e em geral utilizados na vida cotidiana, como a bicicleta ou o mictório batizado de Fontaine [fonte], ele faz notar que apenas o lugar de exposição torna esses objetos obras de arte. É ele que dá o valor estético de um objeto, por menos estético que seja. (CAUQUELIN, 2005, p. 93- 94).

Esse brinquedo foi feito com um pimentão, cenoura e tomate e, naquela época, a criação veio motivada pelo contexto social em que vivíamos: não tínhamos carro e o meio de transporte sempre era uma charrete, que era puxada por um cavalo. Nesse sentido Vigotski diz que:

A criança que monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalgando um cavalo; a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe; a criança que, na brincadeira, transforma-se num bandido, num soldado do Exército Vermelho, num marinheiro- todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação. (2010, p. 16, p.17).

Da mesma forma, (re) criei outros brinquedos: Charrete e cavalo e Boi.



Figura13- Carruagem, fruta e legume, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

E nas brincadeiras representávamos a charrete com um tomate, as rodas eram de cenoura e o cavalo de pimentão. Embora sem detalhes nas superfícies, lembro que na nossa mente ela era toda enfeitada e linda o que pode ser explicado pela ideia de que “nas crianças, a criatividade se manifesta em todo seu fazer solto, difuso, espontâneo, imaginativo, no brincar, no sonhar, no associar, no simbolizar, no fingir da realidade e que no fundo não é senão o real. Criar é viver, para a criança”. (OSTROWER, 1977, p.127). Abaixo aparece a (re) criação do Boi (figura14).

Figura14 - Boi, legume, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Como morávamos na roça tínhamos muitos legumes plantados, então pegávamos exemplares de vários tamanhos e formávamos uma boiada completa.

Hoje, neste trabalho represento apenas um boi com um pepino, as patas com gravetos cortados com a faca porque “a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, á nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual”. (BOSI, 2001, p. 55).

Figura15 - Vaquinha, legume, 2014



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Nas brincadeiras da infância eu costumava fazer a vaquinha com abobrinha verde e as patas com gravetos cortados com a faca; na nossa imaginação era uma vaquinha por causa das manchas que a abóbora tem. Meus pais faziam plantações, então tínhamos muitas abóboras e outros frutos da terra e podíamos usar a vontade para brincar. Ainda para este trabalho de conclusão de curso, (re) experimentei a criação dos bezerrinhos de chuchu.

Figura 16 - Bezerrinho, legume, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.



Esse brinquedo foi feito de chuchu e as patas de gravetos cortados com a faca. Na infância, imaginávamos uns bezerrinhos, mas, diferente das demais produções, para a elaboração acima eu não precisei comprar os legumes: quando pensei em representar esses brinquedos para este trabalho de conclusão de curso, eu tinha vontade de pegar alguns deles da própria planta; tive sorte porque meu vizinho plantou um pé de chuchu e um galho passou para o meu quintal. Então comecei a cuidar dele pra que eu tivesse a oportunidade de colher do pé de chuchu. Quando começou a dar os chuchuzinhos eu os olhava todos os dias pra ver que dia eu poderia colher e (re) fazer os brinquedos.

Essa é a árvore figura 17 que me acolheu durante o tempo que (re) criei os brinquedos para esse trabalho.

Figura 17- Árvore, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Foi prazeroso viver essa situação e me remeteu ao que fala Benjamin (2002, p. 107) referindo-se à criança como uma colecionadora de coisas: “Toda pedra que ela encontra, toda flor colhida e toda borboleta capturada já é para ela o começo de uma coleção e tudo aquilo que possui constitui para ela uma única coleção”. Hoje acadêmica de Artes Visuais, do curso de Bacharelado – UNESC, casada e mãe de um filho de quinze anos, me encontro num bom e feliz momento e depois de (re) criar alguns brinquedos da minha infância, passo a ressignificar essas lembranças.

Durante o curso, na terceira fase, na disciplina de *Iconografia e Cultura regional* comecei a entender que tudo o que eu tinha vivido na minha infância fazia

parte de uma cultura e comparando as experiências que tive no passado com essa reflexão, percebi que eu tinha privilégios, pois a arte poderia me possibilitar de voltar ao passado e aproveitar a experiência da minha infância hoje, na arte.

No entanto, foi na sexta fase, na disciplina de *Agenciamento cultural* desenvolvi uma produção artística na linguagem da monotipia. Com o nome de; Um Olhar aos Monumentos, em 2013 para a Exposição Coletiva City Art onde foi exposta na Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidzinski.<sup>2</sup>

Nesse trabalho falei da importância de cuidar dos monumentos históricos da cidade, porque cada um traz consigo uma parte da historiada cidade e pode contá-la de diversas maneiras. É importante ter um olhar mais apurado para os monumentos.

Figura 18- Um Olhar aos Monumentos, monotipia, 2013.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

---

<sup>2</sup> Amalhene Baesso Reddig, 2013/1.

Naquela época já pude perceber que a monotipia é rica como um procedimento experimental que possibilita o uso de vários materiais e diversos elementos no momento de realizar a composição; percebi também como se torna inesperado o resultado. Nessa direção Weiss (2003, p. 19) nos diz que: “esta impressão ou registro remete a gestos primordiais do homem, marcas que atravessaram os tempos, tornando-se tão atualizados”. Na monotipia a imagem impressa é uma cópia única, se tornando impossível a repetição da mesma e constitui-se de um processo híbrido, entre a pintura, o desenho e a gravura. “Aproxima-se do gesto da pintura, da mancha de tinta, ou do traço, da linha; ao mesmo tempo possui características próprias da gravura, como a inversão da imagem”. (WEISS, 2003, p. 19).

Penso que minha produção artística para este trabalho de conclusão de curso dialoga com as produções do artista contemporâneo Carlos Vergara, que é um artista que trabalha com vários materiais e técnicas em suas produções como já foi citado; Admiro suas técnicas e procedimentos nas suas produções.

Decidida então pela monotipia, em um domingo frio me dirigi para a Universidade com o objetivo de fazer minha produção artística, que envolveu os brinquedos criados na atualidade remetendo aos da minha infância. Optei por telas, tamanho 1,30X90 cm, em tecido algodão cru comecei montando o primeiro cenário e desenvolvi, na linguagem e técnica da monotipia, a primeira parte da minha produção.

Comecei pegando as folhas e pequenos galhos debaixo das árvores no campus da UNESC juntando-os ao milho de pipoca que levei porque brincava de boneca com as espigas e os sabugos de milho. Como o milho de pipoca é um dos elementos fortes da minha memória resolvi representar a ideia com as sementes. Espalhei-os em cima da mesa, depois joguei os pigmentos em cima deles, em seguida coloquei a tela que já estava revestida de cola por cima. Sobre a tela coloquei um papel pardo e pressionei os elementos que estavam embaixo dela. A escolha desses elementos como as folhas, os galhos e o milho, se deu para trazer, na produção, o chão onde brincávamos.



Figura 19 - Montagem para Cenário I, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 20- Cenário I, Monotipia, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Nas figuras 19 e 20 apresento o resultado do processo que foram as manchas e cores fortes das formas dos elementos usados para a produção da primeira tela realizada em monotipia.

Para o cenário peguei um galho da árvore e tirei algumas folhas, espalhando-as em cima da mesa e desenvolvi o mesmo procedimento do primeiro cenário.

Figura 21- Montagem para Cenário II, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A ideia simbólica da árvore remete a infância porque eu e meus irmãos brincávamos sempre embaixo de uma árvore e ao (re) criar os brinquedos para este trabalho, também fiz questão de visitar esse lugar, agora no fundo do meu quintal, pois me ajuda a memorizar aqueles momentos.

O resultado obtido foram linhas, manchas e cores fortes e trouxe para minha composição, o acolhimento da árvore.



Figura 22- Cenário II, Monotipia, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

No terceiro cenário foi diferente: cortei pequenas formas de bonecos em papel pardo e espalhei em cima da mesa para trazer a ideia de crianças brincando; com um barbante fui ligando um boneco no outro que representa a união dos irmãos no momento da brincadeira; nesse cenário, o milho veio para representar os fragmentos da memória. Depois de espalhar os pigmentos, os bonecos foram tirados do lugar e colocados do lado da sua própria marca que tinha ficado na superfície.



Figura 23 - Montagem para Cenário III, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

E novamente na tela ficaram como resultado borrões, manchas, linhas com cores fortes.

Figura 24 - Cenário III, Monotipia, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

As três telas foram apresentadas como instalação intitulada “Em Pedacos”, no espaço da Galeria de arte Octavia Gaidzinski, na Exposição Coletiva dos Trabalhos de Conclusão de Curso Artes Visuais Bacharelado - 2014/1 realizada pelos acadêmicos. A instalação surgiu nos anos 60 e 70, como prática contemporânea e híbrida, que foi gerada nas experimentações artísticas daquela época. Ela não se constitui apenas de objetos colocados em determinado lugar, mas sim, envolve, transforma e ressignifica o espaço expositivo “[...] investindo os recursos de um dado espaço tridimensional que, muitas vezes o chão”. (HUCHET, 2006, p. 17).

Figura 25 - Em Pedacos, Pré- montagem, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Ao apreciar essa produção artística, me sinto satisfeita por ter conseguido voltar às brincadeiras da minha infância com os meus irmãos; essa busca ao passado foi feita com muito amor, pois consegui através da arte, deixar nessas telas marcas tão importante das minhas memórias.



Figura 26- Em Pedacos na Exposição: Galeria de arte Octavia Gaidzinski, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Figura 27- Em Pedacos / Detalhe, 2014.



Fonte: Arquivo da pesquisadora

## 6 CONCLUSÃO

Desde o início desta pesquisa, tinha em mente falar dos brinquedos – em específico os não industrializados – da minha infância e trazer diálogo com minha memória. Para obter um melhor resultado foi importante trazer alguns autores com os quais pude alcançar o meu objetivo de compreender a relação dos brinquedos com a produção de arte e desenvolver uma produção artística a partir dos brinquedos da minha infância.

O problema desta pesquisa se é possível estabelecer relações entre os brinquedos da minha infância com a produção de arte. Ao percorrer o caminho deste estudo foi possível estabelecer essa relação, pois foi buscando na memória as lembranças das brincadeiras da minha infância com os meus irmãos que pude fazer a produção artística, que resultou em três telas, cada uma medindo 1,30 X 90 cm, totalizando 2 m X 2m X 2m para a instalação.

Trazendo como linguagem a monotipia, a produção *Em Pedacos* foi feita com materiais da natureza: (re) criei alguns dos brinquedos do passado, agora embaixo de uma árvore no fundo do quintal onde moro atualmente. Alguns dos legumes foram comprados no mercado, pois não moro mais na roça, como naquela época. Exceção foram os bezerrinhos de chuchu, os quais esperei crescer para trazer para a composição. Depois dessa (re) criação tive a necessidade de criar uma produção artística. Então me dirigi para a universidade que me acolheu, e na sala 8 do bloco Z comecei fazendo pelo o primeiro cenário produzindo uma tela que remete ao chão onde brincávamos; o segundo cenário trouxe a árvore, que é um dos elementos fortes na minha memória, pois ela [a árvore] nos acolhia de modo muito especial nos momentos das brincadeiras; e no terceiro cenário representei as crianças.

Finalizando este trabalho, a busca do passado em minha memória foi importante e produzi uma instalação. Procurei deixar nessas telas marcas tão significativa da minha infância que ao olhar para elas sinto-me dentro daquele cenário: como a arte pressupõe uma troca [entre o objeto, o artista e o espectador] minha vontade é que outros olhares e outras memórias possam se encontrar aqui.

## REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 263 p.
- AZEVEDO JUNIOR, Jose Garcia de. **Apostila de Arte- Artes Visuais**. São Luis: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59p.:il. Disponível em: [jucienebertoldo.files.wordpress.com/2013/01/apostila-de-artes-visuais.pdf](http://jucienebertoldo.files.wordpress.com/2013/01/apostila-de-artes-visuais.pdf)
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: M. Fontes, 1988. 205 p.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002. 173 p.
- BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. 7. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2000. 80 p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velho**. São Paulo Companhia das Letras, 2001. 484 p.
- BROUGERE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2006. 110 p.
- CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Temas da arte contemporânea). 71 p.
- \_\_\_\_\_, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Temas da arte contemporânea). 62 p.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo, Martins, 2005. 168 p.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006. 77 p.
- COLI, Jorge. **O que é arte?** São Paulo: Brasiliense, 2006. 135 p.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 6. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. 130 p.
- DUARTE, Paulo Sérgio. **Carlos Vergara**. Rio de Janeiro: P. S. Duarte, 2003. 239 p.
- HUCHET, Stéphane. A instalação em situação. In: NAZARIO, Luiz; FRANCA, Patrícia (org.). **Concepções contemporâneas da arte**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 17 – 45.
- LAMAS, Najda de Carvalho. **Investigação sobre a arte, cultura, educação e memória: coletânea organização AlemaRizi Marmo**, Joinville, SC: Editora Univille: 2012. 198 p.:il.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. 541 p.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003. 153 p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Petrópolis, RJ: Imago, 1978. 187 p.

RESENDE, Ricardo. Os desdobramentos da gravura contemporânea. **Gravura**: arte brasileira do século XX. São Paulo: Itaú Cultural, 2000. 270 p.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009. 171 p.

**SILVA Aline Pacheco et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. Mosaico: estudos em psicologia. Vol 1. nº 1 Belo Horizonte: Faculdade De Filosofia e Ciências Humanas, UFMG, 2007, p. 25 – 35. Disponível em [www.fafich.ufmg.br/mosaico](http://www.fafich.ufmg.br/mosaico)**

VIGOTSKI, Lev. **Imaginação e criação na infância**: Ensaio psicológico: livro para professores. São Paulo: Ática. 2010, 135 p.

WEISS, Luise. **Monotipia**: algumas considerações. Cadernos de [gravura] n. 2, novembro de 2003. 23 p.

## REFERÊNCIA DAS IMAGENS

[https://www.google.com.br/search?q=obras+de+Jose+Rufino+Carta+de+areia+\(da+serie\),+1999](https://www.google.com.br/search?q=obras+de+Jose+Rufino+Carta+de+areia+(da+serie),+1999) acessado dia 06-07-2014 as 22:10hs.

[HTTPS://WWW.GOOGLE.COM.BR/SEARCH?Q=CARMELA+GROSS+INSTALAÇÃO+O%2C+1995](https://www.google.com.br/search?q=Carmela+Gross+instalação+O%2C+1995). ACESSADO 07-07-2014, AS 23:12HS.

<https://www.google.com.br/url?> Acessado dia 06-07-2014 hs 22:33

<http://inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/sem-titulo-portal/> acessado dia 07-07-2014 as 22:03hs.

<http://inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/obras/sem-titulo-portal/> acessado dia 07-07-2014 as 22:03hs.

[http://www.tntarte.com.br/tnt/scripts/2010\\_outubro/noite\\_1.asp](http://www.tntarte.com.br/tnt/scripts/2010_outubro/noite_1.asp). acessado dia 07-07-2014 as 22:40hs.

<http://mam.org.br/acervo/1999-206-resende-jose/> acessado 07-07-2014, as 23:54 hs.

**<http://paisagensnaartebrasileira.pbworks.com/w/page/13733908/Carlos%20Vergara>. Acessado, 08-07-2014 as 00:14hs.**